

MEMÓRIAS NAS ÁGUAS DA PEQUENA ÁFRICA: UM ESTUDO SOBRE O INSTITUTO DOS PRETOS NOVOS E O LUGAR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Glicia Ribeiro Lins¹

Nas águas turvas da memória, mergulho profundamente, entre corpos negros lançados ao mar sem a devida reverência. A Pequena África é o lugar onde o mar e a história se entrelaçam, tecendo os fios invisíveis que ligam o passado ao presente. Neste estudo, mergulho na relação íntima entre o Instituto dos Pretos Novos e os alunos de escolas públicas do município do Rio de Janeiro, numa jornada que entrelaça minha experiência pessoal como professora preta e moradora deste território. Cada imersão nessas águas é uma reverência aos que vieram antes de nós, aos que resistiram e persistiram.

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), localizado na Rua Pedro Ernesto, 32, Gamboa, Rio de Janeiro, foi fundado em 13 de maio de 2005. O museu atende aos alunos de escolas públicas diariamente, com apresentação da história do sítio arqueológico e Circuito de Herança Africana. O IPN, guardião dessas histórias, se transforma em espaço vivo de aprendizado e reconexão. É lá que, junto com os alunos, percorro os corredores onde as paredes sussurram segredos ancestrais e onde cada artefato conta uma história de luta e resiliência.

Nesta jornada, busco compreender como a interação com a educação patrimonial afrocentrada esculpe a identidade desses meninos, influenciando a noção de aquilombamento num verdadeiro caleidoscópio de cores e vibrações. Cada passo, cada olhar, é uma ponte para o passado, uma oportunidade de reconexão com as histórias que sustentam nossa identidade. Neste processo, minha trajetória como professora preta se entrelaça com a deles, numa troca mútua de saberes e experiências. Cada encontro, é uma ponte que construímos juntos, unindo passado e presente, tradição e modernidade. Assim, navegamos juntos nas águas profundas da ancestralidade, buscando, na imensidão do mar e da memória, a verdade e a justiça que tanto almejamos.

¹ Graduada em Pedagogia pela UERJ, graduada em História pela Unirio, Professora de Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atuando no Eixo de Educação Patrimonial da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e integrante do Grupo de Pesquisa Cultura e Identidades no Cotidiano - Proped/UERJ

Desde 2023, tenho acompanhado as visitas ao Instituto dos Pretos Novos, observando de perto como cada encontro e atividade proporcionam aos alunos uma experiência enriquecedora e transformadora. E na Dança das Águas, como correntes submersas, a história da Pequena África flui através do mar, sussurrando segredos ancestrais que ecoam pelas estreitas ruas de pedras da Gamboa.

Neste caminho, escolhi andar lado a lado com os alunos da rede pública de ensino, ora guiando-os, ora sendo guiada, nos corredores dos museus onde as paredes ecoam os suspiros dos nossos antepassados. Juntos, mergulhamos nas memórias e resgatamos os fragmentos de uma história muitas vezes silenciada, mas sempre pulsante. Nesta jornada, busco compreender como a interação com a educação patrimonial afrocentrada esculpe a identidade desses meninos, moldando suas percepções e enraizando neles o senso de pertencimento. É um processo de transformação, onde a noção de aquilombamento ganha vida, manifestando-se como um verdadeiro caleidoscópio de cores, sons e vibrações que reverberam em suas almas. Cada passo, cada olhar, é uma ponte para o passado, uma oportunidade de reconexão com as histórias que sustentam nossa identidade. Em cada encontro, sentimos o pulsar das nossas raízes, e em cada descoberta, celebramos a resistência e a sabedoria que nos foram legadas. Assim, caminhamos juntos, tecendo um futuro onde a verdade e a justiça se entrelaçam com a memória e a ancestralidade, iluminando o caminho para as gerações que estão por vir.

Osun Ya Ijimú, o orixá² que um dia foi *assentado ao meu ori*³, tem presença e influência em cada aspecto deste estudo. Nesse movimento, busco rememorar uma ancestralidade africana submersa, tendo a educação patrimonial como aporte para essa gestação. Como as águas que fluem através da história da Pequena África, sigo com Osun em prece, pedindo gentilmente, que essa mãe querida toque com amor esse chão e aqueça as águas desse trabalho na medida de seu axé. Com ela também busco compreender as profundezas da memória africana e da cultura afro-brasileira, numa conexão espiritual e ancestral, rogando-lhe que eu não tema a tromba d'água que possa vir. Com essa senhora aprendi que é importante honrar e preservar as memórias daqueles que vieram antes de nós, e de reconhecer o impacto duradouro de sua presença nas águas da história. Que a sabedoria e força dessa doce e meiga mãe nos guiem nesta jornada de descoberta e redescoberta, rogo-te mãezinha que soe suas pulseiras em nosso favor e nos guarde em sua cabaça, permitindo-nos mergulhar mais fundo nas profundezas do passado, para trazer à luz a verdade e a justiça que tanto almejamos.

Esse estudo, intenciona ser uma oferenda de amor e respeito às comunidades negras e suas lutas por reconhecimento e justiça. Ele é uma busca profunda por conexão e compreensão, um mergulho nas águas ancestrais que carregam a história e a força dos que

² Designação genérica das divindades cultuadas pelos iorubas do Sudoeste da atual Nigéria, e tb. de Benin e do Norte do Togo, trazidas para o Brasil pelos negros escravizados dessas áreas e aqui incorporadas por outras seitas religiosas.

³ É o termo usado à iniciação ao culto dos orixás através do candomblé que é uma religião de matriz africana.

vieram antes de nós. Desejo que, através do abebé⁴ de Osún, eu possa me ver, me encontrar e me reconectar com minha ancestralidade. E se eu chorar, que minhas lágrimas sejam acolhidas e enxugadas pela rainha das águas doces, para que, em cada gota derramada, eu encontre renovação e força para seguir adiante. Que este trabalho reverbere como um cântico de resistência e esperança, ecoando o clamor por verdade e justiça que ressoa nas profundezas da nossa história coletiva.

Com a bússola da análise documental e a lente da pesquisa de campo, traço meu rito de pesquisa pelas águas tumultuadas da Gamboa, buscando desvendar os segredos enterrados sob as marés do tempo. Entrevistas se tornam rituais de sabedoria, onde vozes ancestrais ecoam nas palavras dos alunos, professores e gestores escolares. Cartografias do passado se desdobram diante de mim, revelando os tesouros enterrados sob o concreto da modernidade.

Em "As Águas Encantadas da Baía de Guanabara" Barbosa (2021) destaca a cruel realidade do tráfico transatlântico de escravizados africanos no Brasil. Desde o século XVI até meados do século XIX, o país foi o maior importador de escravos africanos das Américas. A chegada desses indivíduos às águas da Guanabara, muitas vezes em condições desumanas nos porões dos navios, marca um capítulo sombrio da história brasileira.

No cenário geográfico do cotidiano, as reformas de Pereira Passos representam uma intervenção violenta, imposta pela lógica da globalização, que se manifesta de maneira perversa nos territórios marginalizados. Segundo Milton Santos, essa globalização tende a uniformizar o espaço, diluindo as identidades locais em favor de uma lógica econômica excludente. As transformações geográficas impostas por Pereira Passos na Pequena África refletem essa dinâmica, apagando memórias e impondo uma nova ordem urbana que marginaliza ainda mais as comunidades negras.

A Baía de Guanabara é um símbolo poderoso que ecoa a história da Pequena África. Ela testemunhou tanto a chegada dolorosa de milhares de africanos na condição de escravizados quanto a esperança e a luta pela liberdade. Essas águas profundas não apenas marcaram o início de uma vida de servidão, mas também foram o cenário de tentativas corajosas de fuga e resistência. A vastidão da baía tornava difícil para as autoridades policiais controlarem efetivamente as fugas, transformando a apreensão de fugitivos em uma missão complexa e contínua. Essa dualidade da Baía de Guanabara, como testemunha da opressão e da resistência, está profundamente entrelaçada com a história da Pequena África e com a experiência daqueles que lutaram por sua liberdade e dignidade.

Através da lente crítica fornecida por Bell Hooks(2021), buscamos uma compreensão mais profunda da interseccionalidade, explorando como as diversas dimensões de opressão e resistência se manifestam na educação patrimonial. As palavras de Hooks nos guiam na busca por uma pedagogia que não apenas ensine história, mas também inspire transformação social,

⁴ Espelho sagrado onde Osún admira sua beleza.

amor como prática política e a descolonização das mentes. Em suma, esta investigação almeja iluminar os caminhos pelos quais a educação patrimonial afrocentrada, ancorada nas experiências e saberes das intelectuais negras, pode transformar vidas e comunidades, oferecendo um espaço de reconexão com o passado, empoderamento no presente e esperança para o futuro.

Barbosa (2021) destaca a cruel realidade do tráfico transatlântico de escravizados africanos no Brasil. Desde o século XVI até meados do século XIX, o país foi o maior importador de escravos africanos das Américas. A chegada desses indivíduos às águas da Guanabara, muitas vezes em condições desumanas nos porões dos navios, marca um capítulo sombrio da história brasileira. Antes da criação do complexo do Valongo, a comercialização de escravos acontecia na Rua Direita. O Brasil foi a única nação independente a praticar maciçamente o tráfico negreiro, deixando um legado doloroso que ecoa até os dias atuais.

Michel de Certeau (2008) nos ensina que os indivíduos interpretam e reagem ao cotidiano de maneiras criativas e muitas vezes subversivas, moldando o ambiente conforme suas necessidades e desejos, tal qual Osùn escurece as águas para esconder seus feitiços. No contexto da Pequena África, onde o mar e a história se entrelaçam, a herança dos que resistiram e persistiram é preservada e reverenciada. Cada imersão nas águas da memória no Instituto dos Pretos Novos é uma reconexão com as histórias ancestrais, transformando esse espaço em um templo vivo de aprendizado.

Assim, o estudo sobre o Instituto dos Pretos Novos e sua relação com a educação patrimonial nas escolas públicas do Rio de Janeiro evidencia a importância vital de resgatar e valorizar as memórias afro-brasileiras. A interação entre alunos e o patrimônio cultural afrocentrado não só molda identidades e fortalece o senso de pertencimento, mas também promove uma compreensão profunda das raízes históricas e culturais que sustentam a sociedade brasileira. As ações do IPN, ao entrelaçar história e educação, criam pontes entre o passado e o presente, proporcionando um espaço onde a resistência e a resiliência dos antepassados são celebradas e preservadas. Esse mergulho nas águas da ancestralidade, guiado pelo saber e pela espiritualidade, revela-se uma jornada transformadora, essencial para construir um futuro onde a verdade, a justiça e a memória se entrelaçam, iluminando o caminho das novas gerações. Que Osùn, com sua doce presença, guie minhas palavras e ações, abençoando este percurso acadêmico com seu axé e assegurando que cada descoberta seja um tributo ao passado e uma promessa para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Jorge Luiz, *As águas encantadas da Baía de Guanabara/ Jorge Luiz Barbosa, Diogo Cunha, Ana Thereza de Andrade Barbosa.* - Rio de Janeiro: Numa Editora, 2021.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer; 14ª Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHUVA, Márcia; Nogueira, Antonio Gilberto Ramos, Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro; Mauad; 2012.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Candido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2014.

HALL, Stuart (2003). Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Negritude, usos e sentidos. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro / Júlio César Medeiros da Silva Pereira. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

SODRÉ, Muniz, O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.